

Os Impactos da Vulnerabilidade Econômica Russa na Formulação da sua Política Externa e de Segurança (PES)

Matheus Ibelli Bianco¹
Eduardo Tomankievicz Secchi²

RESUMO: A Rússia no século XXI se caracteriza pela dependência da exportação em alguns setores de sua economia, como o energético e o militar, os quais, ao mesmo tempo, permitiram a expansão econômica do país e o aumento do prestígio da nação no século XXI. Por sua vez, a imposição de sanções econômicas sob a economia russa, por parte dos países ocidentais, sob a escusa de retaliações à supostos posicionamentos agressivos russos, ampliaram a vulnerabilidade econômica do país. Como resposta a esse quadro, ou mesmo por necessidade, as decisões de Política Externa e de Segurança (PES) da Rússia sofreram mudanças. Este artigo tem por finalidade descrever alguns dos principais impactos que a condição de Vulnerabilidade Econômica Russa (VER) acarreta sobre a PES do país. Para tanto, realizar-se-á uma revisão bibliográfica acerca do tema, bem como serão utilizados documentos oficiais sobre a PES nacional, dados e análises da estrutura produtiva do país.

Palavras-Chave: Segurança; Política Externa; Sanções; Rússia; Economia

1 Graduando do 4º ano do curso de Relações Internacionais na Universidade Federal do Rio Grande do Sul e pesquisador do Núcleo de Estudos sobre os BRICS – NEBRICS UFRGS. Email: matheusibellib@gmail.com.

2 Graduando do 4º ano do curso de Relações Internacionais na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, pesquisador do Núcleo Brasileiro de Estratégia e Relações Internacionais – NERINT UFRGS e do Núcleo de Estudos sobre os BRICS - NEBRICS UFRGS. Email: eduardotsecchi@hotmail.com.

1 Introdução

A recuperação econômica russa após o colapso financeiro de 1998 foi marcada sobretudo pela ampliação da participação do Estado na economia, após uma década de consecutivas privatizações e aberturas ao mercado internacional. Neste âmbito, a reemergência da Rússia como ator relevante no Sistema Internacional no século XXI ocorreu graças a um reposicionamento estratégico, aproveitando-se da renda gerada por uma onda de altos preços de *commodities* com vistas a ampliar suas áreas de influência e contestar comportamentos unilaterais de outras potências.

No entanto, observa-se que a ascensão política da Rússia não está assentada em uma estrutura econômica sólida e independente, uma vez que seu poder e influência internacional estão amplamente baseados na renda obtida por meio da exportação de *bens primários*. Seu parque industrial e tecnológico, por exemplo, setores necessários para a afirmação de uma potência mundial, são pouco desenvolvidos e amplamente dependentes das importações de máquinas e bens de capital do ocidente, colocando o país em uma situação de vulnerabilidade econômica. Esta situação, por sua vez, possui variadas consequências para o desenvolvimento da Política Externa e de Segurança (PES) do país.

Deste modo, este trabalho tem por finalidade descrever os impactos das vulnerabilidade econômicas russas para a elaboração de sua PES. Para isso, o artigo se dividirá em três seções, além desta introdutória. A segunda seção tratará a respeito do panorama econômico do país desde 1991, destacando suas principais vulnerabilidade econômicas contemporâneas. A terceira seção terá como objetivo discorrer sobre os impactos de tais vulnerabilidades na PES, e finalmente, na quarta seção serão colocadas nossas principais considerações sobre a questão.

2 Vulnerabilidade Econômica

Nesta seção, a fim de descrever as principais vulnerabilidades econômicas que afligem a nação russa contemporaneamente, realizar-se-á uma contextualização da economia do país desde a dissolução da União Soviética, no início da década de 1990. Deste modo, serão lembradas as principais políticas econômicas desde Iéltsin e as dificuldades que a nação atravessou em sua abertura aos mercados

internacionais. Será descrita também a condução da política econômica sob a presidência de Vladimir Putin, concentrando-se na reestatização de parte da economia e suas respectivas implicações. Finalmente discorrer-se-á sobre as sanções econômicas impostas pelo ocidente à Rússia a partir de 2013, bem como suas consequências para o país.

Nesse sentido, será utilizada a definição de Guillaumont (2009), que caracteriza a vulnerabilidade econômica como sendo a probabilidade de que o processo de desenvolvimento econômico de uma nação seja interrompido ou prejudicado por choques externos, ou seja, por fatores exógenos ao país. Para tanto, o autor se utiliza sobretudo de dois determinantes para verificar a dependência: fatores estruturais, como a diversificação econômica e o capital humano, e os fatores conjunturais, ligados à resiliência da economia da nação, a qual está relacionada principalmente a capacidade das políticas econômicas do país em questão.

2.1 A recuperação da Era Putin: o estatismo e a primarização econômica

A dissolução da União Soviética no final dos anos 80 e início dos anos 90 significaria para a Rússia uma reformulação de seu modelo econômico (KOTZ; WEIR, 2007). Dando continuidade às políticas de abertura iniciadas por Gorbachev ainda durante o período soviético, Yeltsin foi o responsável por colocar em marcha uma reforma liberalizante na economia e na política do país, *vis à vis*, a economia planificada herdada da URSS.

Inspirada no “Programa dos 500 dias”³ objetivou-se uma transição acelerada da Rússia para uma economia de mercado e uma estabilização macroeconômica. Nesse sentido, torna-se importante destacar as principais medidas do plano e seus respectivos impactos na economia russa. Houve, no período, a liberalização total de preços, por meio da implementação de uma “Terapia de Choque”, implementada no início de 1992. De fato, a Terapia de Choque alcançaria seu objetivo ao eliminar o excesso de demanda agregada presente na economia russa (MAZAT,

3 Plano proposto pelo economista Grigori Yavlinski, com vistas a superar a crise econômica da URSS, às vésperas de sua dissolução. Seus principais pontos passavam pela liberalização dos preços, desnacionalização da economia e unificação cambial das repúblicas soviéticas. Tal plano foi rechaçado pelo Soviete Supremo da URSS, por ser demasiado liberal (COLIN, 2007).

2013). Nota-se, no entanto, que esta política iniciaria um processo de inflação de custos crônica⁴. (DREBENTSOV e OFER, 1999).

Essa liberalização também se faria sentir no plano externo: Yeltsin colocaria em prática uma liberalização do comércio exterior, também executada em janeiro de 1992 (MAZAT, 2013). Pondo fim às quotas de importações, o governo estaria permitindo a entrada em massa de produtos importados no mercado doméstico. Além disso, reformas liberalizantes também foram realizadas no mercado financeiro, visando a atração de capital estrangeiro para a composição da renda russa. No entanto, o plano falhou: com a eliminação dos controles sobre os capitais, estes foram retirados da nação por seus agentes, uma vez que a instabilidade econômica do país não conferia segurança ao rendimento. Os altos juros impostos pelo governo russo, para a atração de capital estrangeiro também não funcionaram: este, quando chegava ao país, era direcionado em sua maior parte para o mercado especulativo, e não produtivo. Somando-se isto ao contexto de inflação, tal situação levaria a uma forte desvalorização cambial, incentivada pela flexibilidade do câmbio adotada no período (MAZAT, 2013).

Seguindo a cartilha neoliberal, reformas também foram realizadas na política fiscal e monetária. Adotando o caráter tipicamente contracionista, racionou-se crédito para as empresas russas, fato que levaria a uma queda abrupta dos investimentos⁵ no país. Do mesmo modo, seriam cortados os gastos do governo com o setor de defesa, um dos ramos mais dinâmicos da economia russa, empregando uma grande parcela dos trabalhadores do país.⁶

Assim, o setor industrial foi duramente atingido pela liberalização econômica, principalmente devido ao menor mercado consumidor em relação à URSS, e também devido à falta de competitividade com as empresas estrangeiras. Este declínio

4 Este caracteriza-se pelo reajuste constante de preços e salários de empresários e trabalhadores de modo a compensar a perda de renda real dada à inflação de demanda. Segundo dados de Drebentsov e Ofer (1999), a inflação na economia russa, tendo por referência o ano de 1991, foi de 26% em 1992, 245% em 1993, 785% em 1994 e 1806% em 1995, quando passaria a desacelerar.

5 Os gastos estatais russos representaram apenas 46% em 1995 dos gastos do governo executados em 1991, segundo dados trazidos por Kotz & Weir (2007).

6 Se em 1988, como aponta Mazat (2013), os gastos militares representavam aproximadamente 16% do PIB russo, este número cairia para a casa dos 4% em 1995, impactando diretamente na geração de emprego e renda. Sob esses aspectos, torna-se compreensível a grande redução do PIB russo no período: segundo dados do Banco Mundial (2018), o Produto da Federação Rússia cairia de 517 bilhões de dólares, em 1991, para 391 bilhões em 1997.

industrial auxiliou na reprimarização da economia russa⁷. As reservas internacionais se encontravam a níveis baixíssimos, e o desemprego⁸ se encontrava a níveis elevados, a desigualdade social se ampliava e a herdeira soviética estava vulnerável a choques externos (MAZAT, 2013). Todos os indicadores apresentados viriam a se agravar ainda mais com a crise financeira mundial de 1998, a qual evidenciou a fragilidade econômica russa. Neste âmbito, torna-se essencial descrever a onda de privatizações de empresas estatais que se dariam nos últimos anos do governo de Yeltsin, as quais ampliaram a influência dos grupos oligarcas na política e na economia russa (COLIN, 2007; SEGRILLO, 2008). Para Segrillo (2008), estes oligarcas, possuindo amplos contatos com políticos de alto escalão, conseguiram concentrar uma enorme quantidade de poder, adquirindo empresas estratégicas a preços ínfimos e sob condições suspeitas. Esta questão se tornaria um dos principais aspectos políticos debatidos no país, e seria, anos mais tarde, duramente combatida por Vladimir Putin.

Putin tornou-se presidente da Federação Russa em 31 de dezembro de 1999, após a renúncia de Yeltsin. Seu plano político passava por aprofundar e aprimorar a centralização estatal do aparato econômico e fiscal, o qual tinha se iniciado recentemente pelo ex-primeiro ministro Yegveny Primakov (1998 – 1999). No entanto, para empreender tal plano, Putin necessitava angariar recursos: visualizou na expropriação e condenação dos oligarcas a sua principal fonte de renda e poder (COLIN, 2007; SEGRILLO, 2008; MAZAT, 2013). O governo passou a adquirir participação nas principais empresas da economia, principalmente as energéticas, como por exemplo, a Gazprom e a Yukos. Ademais, Putin passou a controlar a participação do capital estrangeiro nas empresas estratégicas nacionais, de modo a ampliar a autonomia do Estado⁹.

Assim, os grandes investimentos estatais realizados a partir de então - principalmente no setor energético - visando o aproveitamento de uma onda de alta dos preços de *commodities*, passaram a constituir-se em um dos principais instrumentos de dinamização econômica (aos moldes keynesianos) do governo russo.

7 A qual chegou a alcançar $\frac{3}{4}$ das exportações totais no ano de 1995, levando a nação à uma dependência dos preços internacionais das *commodities* (KOTZ; WEIR, 2007; MAZAT, 2013).

8 Em 1997 o desemprego na Rússia era registrado em 11% (OCDE, 2018).

9 Outra medida de cunho nacionalista adotada no período, como apontado por Mazat (2013), seria a criação de fundos de reservas soberanas, estimulada sobretudo por Aleksei Kudrin, ministro de finanças de Putin; às vésperas da crise de 2008, tais fundos chegaram a acumular mais de 500 bilhões de dólares (POMERANZ, 2009). Tal medida objetivava pagar a dívida externa russa, evitar especulações financeiras e novas crises na balança de pagamentos russos.

A construção de uma vasta infraestrutura para atender a extração e distribuição de gás e petróleo, estimulada pelo Estado, auxiliou o reaquecimento da demanda doméstica, movimentando a economia nacional.¹⁰ É nesse ponto que se percebe uma dualidade da economia russa, raiz de uma de suas principais vulnerabilidades econômicas: a dependência da exportação de recursos primários para a manutenção de um superávit fiscal e orçamentário, o qual coincide com a alta volatilidade dos preços internacionais destas commodities. Tal situação enquadra-se em um dos determinantes da vulnerabilidade econômica de Guillaumont (2009), ou seja, a baixa diversificação da pauta exportadora e a instabilidade dos preços desses produtos.

É de se notar que Putin se aproveitou de um contexto favorável para empreender uma política nacionalista, levando à reestruturação econômica da Rússia para o século XXI. Nesses aspectos, pode-se citar a desvalorização cambial do rublo, política intencional iniciada por Primakov, a qual auxiliou um processo de Substituição de Importações na nação. Primakov também estimulou a política de “Emissão Monetária Controlada”, aumentando a emissão de moeda em 60% para financiar um maior investimento na economia (MAZAT, 2013). Além disso, como bem aponta Hanson (2007), a economia russa sob o governo Putin se aproveitou da existência de uma capacidade ociosa produtiva, originada do período anterior, que permitiu reacender a economia sem grandes investimentos à priori. Visualiza-se, no entanto, que tais condições propícias não garantiriam, por si só, o *boom* econômico russo: o estatismo garantido pelo governo Putin se faria fundamental na reemergência econômica da Rússia no século XXI.

Após este apanhado geral sobre a economia russa, pode-se destacar as principais vulnerabilidades econômicas que o país enfrenta contemporaneamente. Para Piccolli (2012), tais vulnerabilidades estão relacionadas, sobretudo, à interdependência em relação ao Ocidente, no trinômio energia-comércio-tecnologia (ECT) da Federação Russa. Putin possui o desafio de aprofundar relações com outros parceiros comerciais para a exportação de seus recursos energéticos, uma vez que a Europa consome 70% do petróleo e 65% do gás exportado pela Rússia

10 Há de se notar, no entanto, que outros setores, como o varejista, o de construção civil e as indústrias também cresceram no período. Pomeranz (2009) indica que, em 2003, alguns anos após a subida de Putin ao poder, a indústria de transformação crescia ao ritmo de 10% ao ano, enquanto as extrações minerais, 8% ao ano. Já em 2005, o setor varejista crescia 12% e a construção civil, 13%.

(BBC, 2014). Ao mesmo tempo, a Rússia tem de arcar com os custos políticos e econômicos da manutenção de sua infraestrutura de abastecimento para seus consumidores, sobretudo a securitização dos gasodutos e oleodutos que passam via Cáucaso, Turquia, Ucrânia e Bielorrússia, bem como a construção de novas infraestruturas via Mar Báltico e pelos Bálcãs.

Além disso, a dependência acentuada russa em relação aos capitais e tecnologias provenientes da Europa, incitam a urgência da Federação Russa de buscar uma maior modernização de seu parque industrial, bem como elaborar novos projetos de desenvolvimento tecnológico, de modo a evitar com que grande parte de sua renda proveniente das vendas dos hidrocarbonetos sejam destinados a compra de tecnologia ocidental (PICCOLLI, 2012).

2.2 Os impactos das sanções ocidentais sobre a economia Russa

Os EUA passaram a aplicar as sanções ainda em 2013, devido aos acontecimentos na Guerra Civil Síria – e a consequente não aceitação por parte da Rússia da troca do regime sírio – (KAZANTSEV, 2017; KREUTZ, 2016), bem como o asilo a Edward Snowden por parte dos russos. Ocorreria, neste contexto, proibições de exportações a uma série de produtos destinados à Rússia, além de sanções específicas contra a indústria aeroespacial do país. (KAZANTSEV, 2017).

Outro pacote de sanções contra a Rússia se daria logo após a queda do governo Yanukovich na Ucrânia, devido à suposta mobilização de tropas russas no leste ucraniano e na região da Crimeia. Desse modo, os EUA, em 14 de março de 2014, passou a impor sanções contra 119 indivíduos e 23 entidades russas, impedindo-os de realizar compras e vendas de bens, ativos e dividendos. Já no dia 20 de março, seriam impostas sanções geográficas, as quais impediriam a Rússia de investimento na infraestrutura da Crimeia. Um outro pacote, executado em 17 de julho, impôs sanções econômicas sobre as indústrias, reduzindo o número de empresas, companhias e bancos russos que poderiam acessar mercados financeiros internacionais, bem como baniram as vendas de armas da nação russa para a União Europeia e Estados Unidos (KAZANTSEV, 2017). Sob todos esses aspectos, visualiza-se que as sanções foram aplicadas de modo a atingir sobretudo três setores da economia russa: o bancário (essencialmente o Banco de Moscou

e o Gazprombank), a produção de gás e petróleo (Gazprom, Rosneft, Lukoil) e o de defesa (principalmente eletrônicos, helicópteros, tecnologia aeroespacial).

A partir disso, destacam-se dois eixos principais dos impactos das sanções sobre a economia russa. O primeiro se relaciona à redução das exportações russas para o estrangeiro, o qual é responsável por constituir a maior parte da renda do governo russo. Uma vez reduzido o volume das exportações, o Governo passa a ter uma restrição em seu orçamento, e o setor comercial uma diminuição de suas atividades. Com a diminuição da produção, aumenta-se o desemprego, diminui-se o consumo e a renda cai (GURVICH, 2015). O segundo eixo diz respeito a redução das importações de máquinas, veículos, produtos agrícolas, produtos químicos e equipamentos (bens de capital) do exterior, uma vez que a Rússia não possui o capital necessário para a produção desse tipo de bem. Essa redução das importações reduz o desenvolvimento de novas indústrias, diminui o emprego e a arrecadação fiscal. Além disso, as sanções financeiras cumprem o papel de isolar várias empresas russas do mercado financeiro global, reduzindo as oportunidades de financiamento a longo prazo (KAZANTSEV, 2017). As restrições desse tipo foram reforçadas recentemente, em 28 de julho de 2017, quando o Conselho Europeu prolongou as sanções econômicas à Rússia, limitando o acesso do capital europeu para as grandes companhias estatais russas de defesa e energia, reforçando o bloqueio de exportações e importações de armas russas e reduzindo o acesso da Rússia a tecnologias, principalmente às voltadas para o setor energético (GROS e SALVO, 2017).

Destaca-se que todas estas sanções vieram a afetar a Rússia em um período em que o país estava se recuperando da crise financeira de 2008 (NELSON, 2017). Além disso, as sanções coincidiriam com uma queda na renda do governo ocasionada com a redução do preço do petróleo em 2014 e 2015, prejudicando ainda mais o orçamento do governo. A partir de então, com este duplo golpe na economia, a Rússia passaria a conviver com uma contração de sua renda, tendo de lidar com a depreciação do rublo, alta da inflação, diminuição das reservas internacionais, ampliação da pobreza e pressões orçamentárias (NELSON, 2017).

Além disso a Rússia também tem de superar os impactos indiretos provocados pelas sanções ocidentais (GURVICH, 2015). Neste sentido, as possibilidades de novas sanções sobre a Rússia e as possibilidades de contra-sanções desta sobre o Ocidente são fatores que leva a uma maior insegurança e incerteza aos investidores,

que passam a olhar a Rússia como uma fonte de investimento incerta para seus negócios. Desse modo, a nação lida com um agravamento da restrição de capitais para o desenvolvimentos de suas infraestruturas e indústrias. Tais considerações sobre as sanções, em conjunto, são responsáveis por agravar o problema das vulnerabilidades econômicas russas, as quais irão impactar a formulação de sua PES, tema da próxima sessão deste trabalho.

3 A Formulação da Política Externa e de Segurança (PES)

A construção da PES russa está intimamente ligada com o histórico de formação territorial do próprio Estado russo. A inexistência de obstáculos naturais e de fronteiras securitizadas é fundamental para o conceito de defesa nacional russo. Como utilizado por Piccolli (2012), o país possui um eixo Defensivo-Reativo de PES, isto é, ela majoritariamente reage às atitudes ocidentais, em especial (recentemente) à implementação do escudo anti-míssil e de novos membros da OTAN no Leste Europeu.

A construção de uma percepção de ameaça externa no entorno imediato¹¹ foi e ainda é fundamental para a estratégia de projeção russa. A capacidade de segundo ataque, adquirida pela URSS nos anos 50, se tornou um pilar garantidor da soberania e autonomia nacional. A desarticulação política-econômica-militar dos anos Yeltsin gerou forte reação de desaprovação por parte das forças armadas. Um dos primeiros projetos da gestão Putin foi justamente a modernização e recuperação das forças militares (SOKOV, 2000).

A reformulação da tríade nuclear, (i) Bombardeiros Estratégicos; (ii) submarinos nucleares (SLBM's); e (iii) Mísseis Intercontinentais em silos (ICBM's), proposta no final dos anos 90, possuía forte criticismo quanto à sua probabilidade de implementação, dada a conjuntura econômica do país (SOKOV, 2000). No entanto, ao contrário das expectativas, a explosão do preço das principais *commodities* produzidas no país, bem como a estratégia de sustentação da economia ao redor destes produtos, permitiu a modernização em ritmo acelerado, concluindo os principais objetivos iniciais da modernização (RENZ, 2015).

11 Durante o período imperial ressaltamos o papel dos canatos mongóis, do império sueco e do império otomano, na zona contígua, e uma disputa com o Império Britânico pela influência na Europa central.

A inclusão do Artigo no plano estratégico da política de defesa de 2014 demonstra a vitalidade dos recursos energéticos para a consolidação do próprio Estado russo no curto e no médio prazo, tanto como entidade centralizadora da nação, dados os conflitos separatistas, quanto como fonte de recursos para a economia e o setor de defesa (BAEV, 2017). A percepção de defesa e segurança do país passa a compreender, então, que é de vital importância a proteção da principal fonte de renda nacional, isto é, a infraestrutura energética.

3.1 O desafio da dinamização: reações à vulnerabilidade econômica

O processo de modernização envolve uma miríade de programas visando combater as deficiências estruturais hoje presentes nas forças armadas. A vulnerabilidade externa da economia, somada à questão demográfica e a dependência externa de tecnologias, forjaram a necessidade do processo de modernização. A primeira vulnerabilidade envolve a pirâmide geracional russa, que vem envelhecendo rapidamente e cuja taxa de natalidade está em níveis abaixo dos de reprodução à décadas, gerando uma escassez de conscritos. A segunda envolve a falta de uma indústria nacional capaz de fornecer equipamentos, em especial na área eletro-eletrônica e naval, para a indústria de defesa, necessitando-se a importação e a construção de parcerias internacionais (RENZ, 2015).

A questão demográfica vem sendo superada pelo foco na transformação e de um exército de conscritos em um exército profissionalizado, aumentando salários de oficiais e racionalizando o financiamento das forças armadas, e por outro lado investindo em estratégias de defesa de longo prazo intensivas em capital. A recente demonstração de mísseis hipersônicos (YU-74 e Kh-47M2 Kinzhal), veículos não-tripulados submarinos e de plataformas terrestres automatizadas, como o T-14, corrobora a iniciativa do governo de focar em soluções poupadoras de mão-de-obra (THE GUARDIAN, 2018; SPUTNIK NEWS, 2017; RENZ, 2015).

As recentes sanções contra a Rússia e os crescentes tensionamentos desde a crise na Ucrânia embasam a mudança na Estratégia Nacional de Defesa 2014, na qual a OTAN deixa de ser um ator com possibilidade de parcerias sólidas. Esta mudança também inclui um afastamento relativo da Rússia em relação à Europa, com um foco maior nas relações com a China. Os crescentes investimentos chineses,

articulados de maneira bilateral e pela Iniciativa Nova Rota da Seda, veem dado fôlego para a PES russa, mas possuem limitações. De um lado, o governo russo não abrirá mão do controle sobre fontes energéticas e sobre tecnologias sensíveis; de outro, a China não possui recursos ilimitados e vontade política de altruísmo unilateral. O apoio econômico chinês obteve, como contrapartida, um suporte russo para a inserção chinesa na Ásia Central, ainda que com ressalvas de Moscou (DIMITRAKOPOULOU e LIAROPOULOS, 2010; ARIS, 2009).

Outro impacto da VER em relação à PES foi a necessidade do governo de acelerar o processo de substituição de insumos na cadeia produtiva de defesa, como equipamentos eletrônicos, aviônicos e equipamentos elétrico (condutores), bem como o lançamento de novas plataformas de dissuasão, como o sistema S-500 de defesa anti-aérea e as demais plataformas aqui mencionadas. O governo possui a meta de modernizar 70% do equipamento militar até 2020, no entanto, obteve pouco sucesso na substituição de equipamentos e maquinário intensivo em tecnologia, apesar do programa de subsídios a mais de 2000 projetos de substituição de importações (ARIS, 2017; PICCOLLI, 2012).

No plano de política externa, buscou-se a consolidação de parcerias com as antigas repúblicas soviéticas para a manutenção da presença russa na Ásia Central. A retirada da base dos Estados Unidos no Uzbequistão, a expansão da presença da ROSATOM, da Rosneft e da GAZPROM na região são exemplos de uma política de reaproximação destas repúblicas. O comprometimento crítico dos fundos disponíveis para a realização dos investimentos, vem pressionando a Rússia para uma posição de consórcio com a China. O saber-fazer de negócios russos, bem como a herança político-securitária herdada da União Soviética, somada aos volumosos recursos chineses que estão sendo alocados para a iniciativa “Nova Rota da Seda”, vem ganhando institucionalidade por meio da Organização para Cooperação de Xangai.

Nota-se uma mudança no *modus operandi* da política externa russa para a Ásia Central, outrora espaço de influência exclusivamente russo. Tal política vem no sentido de aproximar o país com a China, evitando atritos e garantindo investimentos, mas provoca discussões sobre a possível perda de influência. A permissão de investimentos chineses em setores estratégicos russos, em especial o

de energia, vem impedindo uma crise mais aprofundada no país, mas são questionados pelos setores mais nacionalistas do governo russo, ala que vem dando suporte continuado a Putin. A importação de equipamentos chineses, por vezes fabricados com tecnologia ocidental, permite ao país contornar as sanções ocidentais, mas não tem conseguido garantir endogeneização de tecnologia, mantendo o padrão de dependência externa (CHANCE, 2017; LUHN E MACALISTER, 2014; KOTTASOVÁ, 2017; WANG, 2016)

Os setores mais dinâmicos, como de armamentos, tecnologia aeroespacial e energia atômica, vem servindo como compensadores para esta dependência em outros setores. A China é um dos principais compradores de armamentos russos, o que parece garantir uma relação de ganho mútuo no curto prazo. Ressalta-se, no entanto, que a capacidade chinesa de endogeneização de tecnologia é superior à russa, o que compromete, no médio-prazo, a sustentabilidade dessa relação recíproca para os russos. Tal perspectiva se confirma quando analisados, por exemplo, a compra do porta-aviões russo *Almirante Kuznetsov* pela marinha chinesa, e pelo projeto do caça multipropósito J-10 (BRIMELOW, 2018 ;JOHNSON, 2006)

4 Conclusão

A década de 1990 marcou a desarticulação do Estado russo e de sua projeção internacional, tendo em 1998 o auge da crise russa. A eleição de Vladimir Putin, após um ano como Primeiro-Ministro, marcou uma recuperação exponencial da inserção russa no cenário internacional, mas suas iniciativas encontraram diversas limitações quanto à mudança da estrutura econômico-securitária do país.

A forte dependência externa referente ao trinômio ECT, a qual permite enquadrar a Rússia na definição de Vulnerabilidade Econômica de Guillaumont (2009), exigiu rearticulações por parte de sua PES, especialmente no entorno estratégico. A projeção na Ásia Central passou a ser compartilhada com a China, e os projetos estratégicos ficaram dependentes do preço e das exportações de hidrocarbonetos ou de parcerias internacionais. A modernização incompleta do parque industrial-tecnológico, bem como dos equipamentos das forças armadas pode resultar, em um futuro próximo, na perda de competitividade russa no setor

de segurança. Os investimentos que hoje são inviabilizados pela constrição externa resultarão negativamente no médio prazo.

Ressalta-se, no entanto, que alguns dos projetos lançados recentemente, com destaque para o S-500, o T-14 e o míssil hipersônico YU-74, demonstram a capacidade russa de manutenção de projeção e competitividade securitária convencional, no caso dos primeiros, e de manutenção de capacidade nuclear de segundo ataque no caso do último. A Rússia segue sendo uma potência relevante no cenário internacional, posição que no médio prazo dependerá da capacidade do país de minimizar as vulnerabilidades externas que hoje a constremem.

The Impacts of Russian Economic Vulnerability in Formulating its Foreign and Security Policy

Abstract: The Russian Federation in the 21st century is characterized by having an economy dependent on the export of some specific sectors, such the energy and military sector, which, however, have allowed a certain enrichment of the country and also increased the prestige of the nation at the turn of the century. However, the imposition of economic sanctions on the Russian economy by Western countries, due of the retaliation for allegedly aggressive Russian behavior on the Ukrainian Crisis, has deepen the country's economic vulnerability. In response to this situation, the Russia's foreign and security policy decisions have changed. This paper aims to describe some of the main impacts that the Russian Economic Vulnerability condition has on the country's security police. For this, a bibliographic review will be carried out on the subject, as well as will be analyzed official documents on the national security policies and datas of the productive structure of the country.

Keywords: Security, Foreign Police; Sanctions; Russia; Economy]

Referências

APPEL, Hilary. Is It Putin or Is It Oil? Explaining Russia's Fiscal Recovery. *Post-soviet Affairs*, [s.l.], v. 24, n. 4, p.301-323, 1 out. 2008. Disponível em: <<https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.2747/1060-586X.24.4.301>>. Acesso em: 13 maio 2018.

ARIS, Ben. *Russia's Import Substitution Has Not Been a Great Success*. The Moscow Times. 2017. Disponível em: <https://themoscowtimes.com/articles/russias-import-substitution-has-not-been-59267>. Acesso em: 31 mai. 2018.

ARIS, Stephen. A new model of Asian Regionalism; does the Shanghai Cooperation Organisation have more potential than ASEAN?. *Cambridge Review of International Affairs* v.22, n. 3: 451-467. 2009. Disponível em: <http://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/09557570903104040>. Acesso em: 31 mai. 2018.

BANCO MUNDIAL. *PIB (US\$ a preços atuais)*. Datos sobre las cuentas nacionales del Banco Mundial y archivos de datos sobre cuentas nacionales de la OCDE, 2018. .Banco Mundial, Washington, D.C. Licença: Creative Commons Attribution CC BY 4.0. Disponível online em:<https://datos.bancomundial.org/indicador/NY.GDP.MKTP.CD?end=1996&locations=RU&start=1989>. Último acesso em 29 de maio de 2018.

BAEV, Pavel. *Russia Arctic Dreams*. Center for Strategic & International Studies. 2017. Disponível em: <https://reconnectingasia.csis.org/analysis/entries/russias-arctic-dreams/>. Acesso em: 31 mai. 2018.

BBC. *A Europa conseguiria viver sem o gás russo?* 2014. Disponível online em http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2014/03/140328_alternativas_europa_gas_rb. Último acesso em 31 de maio de 2018

BRIMELOW, Ben. *Russia is desperately trying to save its only aircraft carrier — that's outdated and plagued with problems*. Business Insider. 2018. Disponível em: <https://www.businessinsider.com/russia-aircraft-carrier-admiral-kuznetsov-outdated-problems-2018-4>. Acesso em: 21, out.

CHANCE, Matthew. *How Russia and China are bonding against the US*. 2017. Disponível em: <<https://edition.cnn.com/2017/07/05/asia/russia-china-growing-alliance/index.html>>. Acesso em: 21 out. 2018.

COLIN, R. *Rússia: o ressurgimento da grande potência*. Florianópolis: Letras Brasileiras, 2007.

DIMITRAKOPOULOU, Sophia; LIAROPOULOS, Andrew. Russia's National Security Strategy to 2020: A Great Power in the Making?. *Caucasian Review Of International Affairs (CRIA)*, Frankfurt Am Main, v. 4, n. 1, p.35-42, jan. 2010. Disponível em: <<http://www.css.ethz.ch/en/services/digital-library/publications/publication.html/112289>>. Acesso em: 31 maio 2018.

DREBENTSOV, V. & OFER, G. (1999) *Trade, Trade Policy, and Foreign-Exchange Regimes Under Transition: Russia and the Dutch Disease*. In: Blejer, M.I. & Skreb, M. (eds.) *Balance of Payments, Exchange Rates, and Competitiveness in Transition Economies*. Boston: Kluwer Academic Publishers.

GROS, Daniel; SALVO, Mattia Di. *Revisiting Sanctions on Russia and Counter-Sanctions on the EU*, 2017. Commentary – Thinking ahead for Europe. Centre for European Country Studies. Bruxelas.

GURVICH, Evsey; PRILEPSKIY, Ilya. The impact of financial sanctions on the Russian economy. *Russian Journal of Economics*, v. 1, n. 4, p. 359–385, 2015.

HANSON, Philip. The Russian economic puzzle: going forwards, backwards or sideways?. *International Affairs*, [s.l.], v. 83, n. 5, p.869-889, set. 2007. Disponível em: <<https://academic.oup.com/ia/article-abstract/83/5/869/2417853>>. Acesso em: 13 maio 2018.

JOHNSON, Reuben F. *SibNIA remains center of Russian Innovation*. AinOnline. 2006. Disponível em: <https://www.ainonline.com/aviation-news/2006-11-15/sibnia-remains-center-russian-innovation> . Acesso em 21, out. 2018.

KAZANTSEV, S. V. Anti-Russian Sanctions: Then and Now. *Problems of Economic Transition*, [s. l.], v. 59, n. 1–3, p. 84–99, 2017.

KREUTZ, Andrej. *Russia's place in the world: the struggle for survival*. New York: Algora Publishing, 2016.

KOTTASOVÁ, Ivana. *Russia gets investment from China while sanctions keep U.S. off limits*. 2017. Disponível em: <<https://money.cnn.com/2017/07/06/news/economy/russia-china-investment-deal-sanctions/>>. Acesso em: 21 out. 2018.

KOTZ, D. M.; WEIR, F. *Russia's path from Gorbachev to Putin: the demise of the soviet system and the new Russia*. New York: Routledge, 2007.

LUHN, Alec; MACALISTER Terry. *Russia signs 30-year deal worth \$400bn to deliver gas to China*. The Diplomat. 2014 <https://www.theguardian.com/world/2014/may/21/russia-30-year-400bn-gas-deal-china>.

MAZAT, Numa. *Uma Análise Estrutural Da Vulnerabilidade Externa Econômica E Geopolítica Da Rússia*. 2013. 261 f. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-graduação em Economia Política Internacional (PEPI), Instituto de Economia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013. Disponível em: <http://www.ie.ufrj.br/images/pos-graduacao/ppge/tese_numa_mazat_PEPI.pdf>. Acesso em: 13 maio 2018.

NELSON, Rebecca M. U.S. Sanctions and Russia's Economy. Congressional Research Service p. 17. 2017.

PICCOLLI, Larlecianne. *Europa enquanto condicionante da política externa e de segurança da Rússia: o papel da defesa antimíssil*. 2012. 73 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Estudos Estratégicos Internacionais, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/70019>>. Acesso em: 30 maio 2018.

POMERANZ, L. (2009) *Rússia: a Estratégia Recente de Desenvolvimento Econômico-Social*. Em: ACIOLY, L.; CARDOSO, J.R.; MATJASCIC M. Trajetórias Recentes de Desenvolvimento: Estudos de Experiências Internacionais Seleccionadas. Brasília: IPEA.

RENZ, Bettina; SINOVETS, Polina. Russia's 2014 Military Doctrine and Beyond: threat perceptions, capabilities and ambitions. *Research Paper*: Research Division - NATO Defense College, Roma, n 117, p. 1-12, jul. 2015. Mensal.

SEGRILLO, A. O. *Rússia: economia e sociedade*. In: CONFERÊNCIA NACIONAL DE POLÍTICA EXTERNA E POLÍTICA INTERNACIONAL, 2., 2008, Brasília, DF. Anais... Brasília, DF: Fundação Alexandre Gusmão, 2008.

OCDE. "Russian Federation: Country statistical profile", 2018. Disponível online em <https://data.oecd.org/russian-federation.htm>. Último acesso em 28 de maio de 2018.

SOKOV, Nikolai. *Russian Strategic Modernization: Past and Future*. Lanham: Rowman & Littlefield Publishers Inc., 2000.

SPUTNIK NEWS. *EUA testam meios para 'esconder' seus tanques dos T-14 russos*. 2017. Disponível em: <https://br.sputniknews.com/americas/201705178405249-eua-testam-maios-para-esconder-tanque-armata-russo/>. Acesso em: 31 mai. 2018.

STOCKHOLM INTERNATIONAL PEACE RESEARCH INSTITUTE (SIPRI). *The SIPRI Military Expenditure Database: Military Expenditure of Russia*. Stockholm, 2012. Disponível em: <http://milexdata.sipri.org/result.php4>. Acesso em: 30 mai. 2018.

THE GUARDIAN. *Russia says it has successfully launched powerful new missile*. 2018. Disponível em: <https://www.theguardian.com/world/2018/mar/11/russia-hypersonic-kinzhal-missile-launch>. Acesso em: 31 mai. 2018.

WANG, Tao. *The Great Russia-China Oil Alliance Is Here (And Why It Matters)*. The National Interest. 2016. <http://nationalinterest.org/blog/the-buzz/the-great-russia-china-oil-alliance-here-why-it-matters-17883>.